

2 112
POESIAS
COMPOSTAS

NA VNIVERSIDADE DE

COIMBRA NA OCCASIAO DA
felicissima, & milagrosa aclamação, & Co-
roação d'elRei nosso Senhor Dom Ioaõ o
' quarto de Portugal, que se não offere-
ceraõ no Certamen Poctico, que
na dita Vniversidade ouve
nem andão no
livro dos seus
applausos.

EM LISBOA

Com todas as licenças necessarias.

Na Officina de Lourenço de Anveres.
Anno de 1645.

CANÇÃO I. EM QUE SE VAO CONFERINDO
as cousas de tempo d'el Rei Dom Ioão o primeiro de boa mem-
ria com os successos da acclamação d'el Rei nosso Senhor,
Dom Ioão o quarto.



Mais perfeita, entre o creado, Idea
Do prototypo teu, vivo trelado,
Da mão divina, vniversal empenho,
Do meu veneno, antidoto provado,
Mãe de quem te gerou, de graça chea,
Valente assiste Musa, ao fraco engenho;
Pois da eminencia, a despenhar-me venho,
E da grandesa immensa, que me assombra;
Mas se bem çoçobrado assim me vejo
Icaro no desejo,
Se ló de teu favor merecer sombra,
Não temão azas Sol, que tem nascido
Neste Occidente; Rei, que paz, & dia
Traz despois de tormentas delhumanas;
Sol, que acreditão luzes soberanas,
Rei, que pedindo amor, tira ousadia:
Cantarei venturoso, se atreydo;
Pois de immortal applauso não duvido
Se me mudas (ao Rei, & amim piedosa)
A lyra humilde, em trompa alta, & famosa.

E vos, ó fundador do Reino Luso
Verbo Encarnado, que fizestes berço
Seu, do madeiro, em que perdeis a vida;
Fazendo a Cruz, & sceptro do Vniuerso
Contente Affonso, & Lucifer confuso:
Alento me inspirai, & alma devida
A rara empresa à mente offerecida;
Que mal poderei eu sêm sacro alento,
Dar boa conta deste assumpto grave;
Pois não basta a suave

De Aginippe corrente, ao pensamento
 Que do Rei novo, novas glorias genta
 E novos raios bebe do brilhante
 Divino garbo seu, que o mún lo cega;
 Mas entre imperiais luzes não nega
 Doce esperança, de hum amor cõstante,
 Aquem o patrio zelo representa;
 Antes ja paternal affecto ostenta;
 Sedeme pois (Senhor) divino Apollo,
 Que não invoco, não, quem doura o polo.

3

O espantosa alternativa, & rara
 Das cousas do creado, ó soberanas
 Revoluções sagradas! O misturas
 E concursos de causas sobre humanas!
 Ia ouvi, que hum Philospho sonhara,
 Que estas, que passão, tornão creaturas
 Depois de lustros mil, com ligas puras
 De hũs atomos, que estão compondo o mundo.
 (Fosse ignorancia em fim, ou fosse enleo)
 Hũa só cousa creio
 Que do divino Artifice, o profundo
 Saber, pode voltar o permanente
 A que deo ser; mas sem prodigio tanto
 Digo, que no Rei nosso as sombras vejo
 (Mudança Pythagorica desejo)
 Do nosso Ioaõ primeiro, eterno espanto
 De toda, ao Luso forte, emula gente;
 O deixei me pintar o que a alma sente;
 E vereis em Ioaõ Quarto, o Primeiro,
 E que no conferir sou verdadeiro.

4

Do Regio, & grave gesto a fama canta,
 Que hẽ d'aquelle avõ inclito hum retrato;
 O delhe o Ceo tal força, ao braço forte,
 Que de Alcides a clava tão barato

*Entia
 perma-
 nẽcia nõ
 tamẽ suc-
 cessiva
 sem motũ
 & in il-
 lo confis-
 sũcia usa
 Philoso-
 phi.*

*Allude
 á trans-
 migra-
 ção dis
 almas
 de Py-
 thago-
 ras.*

Peleja-
va el-
Rei D.
Ioaõ o
primei-
ro com
maça, q
se mo-
stra hoje
no Real
Conve-
to da Ba-
salha,

4
Menear lhe seja, como a leve planta
E seus não çofra golpes hum Mauorte
Males, de que o menor he mais, que amorte
Assombravão entaõ ao Reino triste:
Mas quem não sabe dos presentes males
Por mais, que, Musa, falles
Nenhũa Musa vio, o que tu viste.
Sae o Primeiro là da fresca Abrantes
Cá da felis, viçosa, & fertil terra,
Com mais, que humano aplauso vem chamado,
Entre fogosos louros venerado
Qual tutelar Deidade, que desterra
Os vaõs receos, medos palpitantes,
Mas entre as conveniencias, notai dantes,
Que planta pisa o Throno feminina,
Em hum, & em outro tempo, ordem divina

Morte
do mau
& abo-
mina-
vel mi-
nistro
conferi-
da com
a do Cõ-
de An-
deiro,

Cõsecras-
tis ma-
nas ves-
tras ho-
die Domi-
no Exo-
dic. 32.

Iob. c. 7.
numquid
ego sum

5
Mas não em tudo (ò pia estirpe lusa)
(Falle apura verdade, hum peito puro)
Representas Lianor, pois a piedade
Virtude, & valor teu, te dão seguro,
De não se te atrever turba confusa.
Precipicio cruel, se crueldade,
Pode de Deos chamar-se alta vontade;
Violencia justa, mãos, que se vingança
Executaõ celeste, consagradas
São por Moyles chamadas;
Pedeço vil, quem não temeo mudanca,
Ou mal mostrou, que bem temer sabia:
Que parecidas furias! vio o a praia
Reduzido a ludibrios, qual Balea
(O paciente Rei isto recèa)
A'h desengano, comque a alma desmaia,
Quem Balea os pequenos engolia,
Iuguetes de pequenos merecia.
O fragil mundo, ò caso, ò vil mortalha

Menos que tu, na lança a posta, valha.

6

O Grande mestre lá na Sertoriana
Praça famosa, que hoje a terre ostenta
Do luso esforço antigo o, arduas memorias
Com que o Romano seu valor sustenta.
Com voz de hum tenro Infante mais que humana,
Futuras antevio do Reino as glorias:
Não menos grandes são, menos notorias,
As maravilhas que divulga a fama
Que adespregada mão, desprega a todos
De hum Deos, que por mil modos
Incognitos a nos, mostra o que ama.
Porem, porque de Antonio o Deos menino
Peso aprasivel dos queridos braços,
Pois o grave pastor ao Sancto inyoca
Não deo final, que em parte mais lhe toca?
Foi, porque Christo desfazendo os laços
Aureos, de amor mostrou com o divino
Movimento, chegar-se o prazo digno
Da palavra, que deo, & Affonso ouvia,
Que o dezaseis dos netos honraria.

7

Desprega a mão, naqual as nossas sortes
Dis, que estão o Propheta, amor ensina
Nova chiromancia, se a ventura
Ha de ser nossa, & sua a mão divina.
Suas as riscas são, ñossos os portes:
Fallou de Christo, a Affonso a lingua pura,
E cá falla có a mão, porque segura
Hum povo todo, que apartado estava
Que do povo tratava o Pai clemente
E não do Rei somente
Quando por Rei, clemente Pai, lhe dava.
Ou quiçã em silencio tão sagrado
Se declaron com mysticos acenos,

mare,
ans Ce-
tus.

Allusão
à mor-
talhado
outro
Empe-
rador
Gentio

in mani-
bus tuis
fortes
mea Ps.
30.

Representando em si nossa alegria;
 Fallando mudo, aquem bradando, ouvia
 Por motejar de nós fallarmos menos;
 Ou se he Relogio eterno, & concertado
 Seu imenso fiber, direi oulado,
 Que mão da Eternidade, aponta as horas,
 De nossas conjunções, nossas melhoras.

8

- Ramo robusto loiz, se flogefcente;
 No lugar sexto decimo admittido
 Da real profapia (o Rei) que assim se conta
 Com computo fiel, o bem perdidc;
 Vede pois como o Ceo em vos consente;
 Para a nossa esperança quanto monta,
 E como o tempo as duvidas remonta:
 E o termos tais finais do mestre ativo
 Libertador da Patria valeroso
 Que com Echo amoroso
 Inda Vlyflea, tem seu nome vivo.
 O tu do Ceo Empyreo las fuprema
 Reidos Reis, & Senhor dos que senhores
 As redeas tem do fugitivo mando,
 Ordena, que com o mais, que vou notando,
 Não falte ao luso o zelo, nem fervores,
 Comque amava feus Reis por teima, & thema;
 Nem hoje aja quem faltarnos tema,
 O femos defta, como de outras vezes
 Filhos no amor, nos braços, Portuguefes.

9

Nem vos falta (bom Rei) hum Nuno fero
 Voffo illufre afcendente, invicto Marte,
 Que a fer, luftros doze hà vino, prudente
 Difse effe Rei prudente, que eftandarte
 Não vira hispano, o Tijo, daruos quero
 Outro Conde por elle, do excellente
 Iovem retrato, aquem do mar potente

diff: em
 Li boa
 Philip-
 pe opru-
 dente
 chegan

Tintas em sangue, & poucas para o pranto;
 Agoas funebre canto dedicaraõ,
 Quando justas choraraõ,
 De immortal digna, a breve vida, canto.
 Se ouve alguém, que delicias se chamaſſe:
 Da geraçãõ humana, a eſte grãõ Conde
 Eſte elogio furtou, pois he devido
 As partes, & talento eſclarecido
 Que de inveja a fortuna, ha tanto eſconde;
 Mas adverti (Senhor) antes que paſſe
 Muſa as memorias, de que goſto nasce .
 Que ſe chegais de Nuno à ſepultura,
 Novo milagre vejo porventura.

10

Em vos ſentindo perto, aquelle rayo
 Da guerra, ha de ſahir a pedra erguida,
 E hà de abraçarvos dando, & mais tomando
 A vos o coração, de vos, a vida.
 O troca, que a ſer tal, nenhum deſmaio
 Os futuros perigos me eſtão dando.
 Mas eu que coração eſtou formando .
 Ou porque alheo peço, quando poſſo
 Dizer do voſſo, que no eſforço humano
 Vence openo, & Romano
 Annibal, Scipiaõ, ſó por ſer voſſo
 Entre graves conceitos lugar tenha
 Facetia humilde, dito ſe engraçado
 Ajuſtada, a meu ver, galantaria,
 (lunto aos Cedros a terra hervinhas cria)
 Em hum Sabbado foſtes acclamado:
 Quem diſ ſabbado diſ forno, & mais lenha
 Porque eu preſagamente a dizer venha,
 Que quantas damas tem Lisboa bella,
 Tantas forneiras acharà Caſtella.

11

Mas não deixe meu verſo numeroſo,

do á ſe-
 pulcra
 do Con
 de Nu-
 no Al-
 vares
 Si el fue
 ra vivo
 no en-
 trara-
 mos aca

D. Fran-
 ciſco de
 Portu-
 gal Con-
 de do Vi-
 mioſo
 morto
 na bata-
 lha na-
 val.

*Tito Veſ-
 paſiano
 delitæ
 generis
 humani
 apud pro-
 pb.*

De outro indício tocar da grão ventura,
 Que o Reino Luso em vós já tem presente;
 E he ser nisto tal parte, & tal figura
 Vossa chara consorte, em quem vistoso
 Vemos da natureza, o mais decente,
 Mais precioso, & o que mais adora a gente;
 Princeza Serenissima louvores
 Vossos Sonhar, he grande atrevimento.
 Ah temerario intento
 Que desculpa acharás a teus furores?
 Costuma o Ceo por mão feminea, & rara
 Salvar imperios, & causar mudança;
 Assim (Augusta Planta) em vos podemos
 Ver o que nas sagradas letras vemos:
 Fundando em tal valor, certa esperança;
 Nem erra (pois iois tal) quem vos chamara
 Ioel, Hester, Iudith, Debbora, Sara
 Ou, das que o mundo honrou, Pantasilea
 Pallas, Porcia, Zenobia, & a mesma Astrea.

12

De sta alegria grande, este alvoroço
 Com que todos ao rosto tresladados
 Os corações singelos, endoudecem;
 Rompendo em sentimentos numqua uzados;
 Que outra coisa (Senhor) dizervos posso
 Senão que mais que Augusto vos offrecem,
 O Reino, amor, & fê, que em gosto crecem.
 Ser amado, mais he, que o regio assento
 O Rei antigo, & em novo amor, Rei novo,
 Dé o Ceo a teu povo,
 Forças iguais, a seu contentamento
 Qual de filhos caterva, que esperava
 O Pai ausente, que no mar nauega
 Quando lhes chega anova, que no porto
 O tem, fiqua qualquer de alegre, morto;
 Que hum gosto tambem grande à morte chegã:

*in manu
 mulieris
 traditur
 Sysara.
 Iudicum
 cap.4.*

*Celi, a-
 mari at-
 que dili-
 gi mains
 est impe-
 rio, ita
 Thomis
 tixi Va-
 lentis
 ano.*

Tal vossa amada gente as faces lava
 Com lagrimas de Amor, que a força brava
 Lhe faz soltar, do muito que deseja
 Darvos a vida a vos, sangue á peleja.

13

As Driadas de Cintra, olhai que danças
 Formaõ, que flores colhem, que capellas }
 Vos teçem, entre si com gosto grande
 Olhai mais junto á vos Tagides bellas,
 Que ja festejaõ novas seguranças
 Com que hum desdem fermoso liure ande,
 Se o bruto amor lascivo se desmande:
 Mais estendendo, os olhos, outro rio
 Praia de ouro tambem, como a do Tejo,
 Que contempleis desejo,
 O Mondego sagrado, que na brio
 Das suas Nymphas tanto se affinala,
 Que nas demonstraçoẽs ninguem o vence
 Vede a leal Cidade, onde se espanta
 Do bom Freitas o Mundo, vede a sancta
 Do Sancto Affonso casa, a quem pertence
 (Gloria que de outra gloria naõ se iguala)
 O porvos a Coroa, em digna sala:
 O tragavos (senhor) razaõ que tinha,
 E a bençaõ de Isabel Sancta Rainha.

Cintra.

Nym-
 phas a-
 madas
 & per si
 guidas
 dos Sa-
 tyros.
*Apud
 Prophe.*

14

Notai no sacro Emporio das sciências,
 Insigne em toda Europa Academia,
 Com que zelo abrasado, e fervoroso,
 Cem mil grandezas faz, quem a Regia:
 Dignas de taõ preclaras ascendencias,
 Que de estrangeiro Principe famoso,
 Lhe naõ roubou o tempo rigoroso.
 Phebo as luzes, & fogos, quando vio
 Lá no outro Hemispherio estando auzente,
 De outro Sol, se resente,
 De outro Prometheo o furto presumio.

B

Nos

Nos preços, que reparte a grandiosa
 Mio, bem podera dar igual empresa
 A novo Mantuano, ou Grego Homero!
 Mas nem as faltas destes chorar quero
 Porque possivel he, que a Portuguesa
 Musa contente, vença em delectosa
 Musica, a Grega, ou Latia mais ditosa.
 E eu entre os Cisnes, que cantando admiro,
 Qual rouco Ganso a voz do peito tiro.

Niveos
inter
strepit
anser
Olores.

Lograi pois (o graão Rei) ditosamente,
 Taõ divinos presagios começando
 O governo felis, que vos espera:
 Ia de ouvir, Dom João quarto, titubando
 O proprio Marte està, & com o Tridente
 Rendido a vossos pès, Neptuno crera,
 Que outro sois Manoel Senhor da Esphera;
 Ia o Ganges, & o Indo ambiciosos
 Devos servir, quizerão de outra parte
 Resistir de algũa arte,
 Por serem, por vencidos, venturosos.
 Pouco sabe de vos, se ha quem não crea
 Que sois na dura Imagem bem versado
 Da guerra, quando em bosque, & aspero monte
 Mitastes, alenta lo Rodamonte,
 Cerdoso, Iavali, Touro piçado,
 Duro em diadema, & que esparzindo areia,
 Em Symbolo, vos dava o de Amalthea:
 Fazei pois, que não só de hoje adiante
 Aljubao Contê, & Valdevês o Cante
 Canção se tu no culto te igualaras
 Ao patrio Amor, que te forjou no peito,
 Mais confiadamente appareceras,
 E o mesmo Orphêo cantando não temeras.
 Desculpe pois teu zelo teu conceito,
 Que sempre teve amor desculpas claras.

Sò querem coraçoens divinas aras:
 Vaite humilde a teu Rei, & os pès lhe beja,
 Que se elle he Deos da terra, Amor deseja.

CANCION SEGUNDA.

Bien dixo, quien llamó prenda infallible

Del divino favor, fracasso humano,
 Y a una aspera fatiga mensagero,
 Del braço fuerte, y auxilio soberano
 Del que solo no puede lo imposible:
 Que gusta Dios de reduzir primero
 Nuestro affecto grossero
 A poner en el solo la esperanza,
 Y arroja sin tardança
 El amparo fiel, dulce consuelo
 Del, que lo pide al Cielo;
 Y nos previene así con artificio.
 La grata estimacion, al beneficio.

2

Al màs terrible punto vio llegado

De penas ya cadaver buuelto apenas,
 Su passado splendor, el usitano,
 Qual arrastrando miseras cadenas,
 Yaze en un Calaboço, el regalado,
 Que dava un tiempo, a purpuras de mano;
 Quando del inhumano
 En patria, Argel, le libra omnipotente
 El Verbo, que Clemente
 Mira sus llagas, que le son señales.
 Del fin de nuestros males.
 Y por Palabra tuvo de su gloria,
 La que nos dio, palabra, en la memoria.
 Como del mismo Phebo, que se puso,
 Noche obscura deshaze el rayo bivo,
 Quando buelve a dorar nuestro Orizonte,
 Tal quizo; que en Iuan quarto, el hado esquivo,
 (Iuan luz hermosa del valor de Luso)

*Philo
 Hebreo
 necesse
 est adesse
 divinum
 ubi hu-
 manum
 cessat au-
 xilium.*

De quinze Solés rayo se remonte,
 Y a la cumbre del monte
 De nuestras glorias, buelva justo im perio
 De vno al otro Hemispherio
 De donde le rodara la fortuna,
 Pero sin dubda alguna
 Mano de Christo, pues sin clauo queda,
 El clauo nos dexò, para su rueda.

Exod. 2. P. el aio Portugues, Moysen sacado

Del agna, si son aguas afflicciones,
 Del Pileo, y del puñal mas digno dueño,
 Eternas te tribute admiraciones

Quoniam.

intrave-

runt aq;

usq; ad

animam

meam

Eripeme

de aquis

mul. 11.

Alexan-

der. ma-

ior inui-

dia ita

prophani

auctoree.

El Indio adusto, y el Aleman elado,
 Y ni la propria embidia a tu alto empeno
 Se atreva, aun por sueño,

Nuestro nuevo Alexandro, bien que aora

El mundo es el que llora,

Pues quiziera mas ampla su riqueza,

Por darla a tu grandesa,

Que si se toma el pulso a tus alientos,

El mundo es corto a tus merecimientos.

Si oveja capitan desluze, y afrenta

Bravo esquadron de fieras Africanas

(Sabio dicho de algun Griego famoso)

Como han de resistir fuerças humanas

A vn Capitan Leon, que Lusos cuenta?

Que te respete el Mundo, victorioso,

Lo juzgo tan forçoso,

Como la rubia espiga, a tosca mano

Rendirse del villano,

O abatirse a la sombra del, que asoma

Gavilan, la Paloma;

Que de tus Lusos poco en esto digo,

Si tu con ellos vas, ellos contigo.

Como la vida no daran sedientos

Pues el maior thesoro solicitan,

Que vale mas la libertad, que el oro?
 Las esperanças a mi pluma quitan
 Del bosquejo, los nobles ardimientos
 Que poetacallo, y Portugues adoro,
 Remittiendo el thesoro
 De tan heroico, y fertil argumento,
 A mas culto instrumento,
 Que pues en Iuan Achilles considero,
 • Darale el cielo Homero;
 Si no es, que sus hazanas a si solo,
 Reserva de ambicioso, el mismo Apollo.
 En su Crus a su gente enseñar Christo
 Te dixo (o Rei) que huyendo el Castellano
 (Qual suele el Diabolo de la Crus huyendo)
 Dexará el campo al Marte Lusitano:
 O será el blanco del milagro visto
 Amonestarnos el Señor diziendo
 Que mas vezes muriendo
 Su sangre nos dará si es necessario, .
 Porque del adversario
 Vn Reino libre, al qual fue destinada
 Su propria Crus, espada:
 Y con tan tierno affecto, porque en ella,
 Le pongan otra vez, baxava della.

Cancion no te detengas,
 Amor, y tiempo prestente sus alas,
 Que si al viento no igualas,
 Bolando de tu Rei al Regio throno,
 Poco tu gusto abono,
 • Que no exceder, es poco sentimiento,
 Al viento, es poco, al mismo pensamiento.

SONETO. I.

Soberba quando do Espanhol espanta

B 3

Nabu

Nabucho Estatua, mis(infausto agouro)
Barro inculca na propria sede de ouro.

Abse fns

Que só cobiças tem fraquesa tanta.

est Lapis

Qual a pedra sem mãos Luso levanta

sine ma-

Rei Ioanne quarto, aquem deverde Louro

nibus Da

Preparaõ pompas Persa, Turco, & Mouro,

nietis c.

Com que assumptos Tyrannicos quebranta.

2.

Pedra sem mãos, por posto nas de Christo

Lapidē.

Que as nega á Cruz, por darlhas: Pedra viva

quem re

Por filho obediente a Pedro sancto:

p-obave

Pedra(qual dē Albuquerque Ah caleste isto)

rūt, &c.

Reprovada de Tredos, porem viva

Lapis fa

Pedra angular, tornada em môte tanto,

ctus est

que dé ao Inferno espanto

monsma

Mate impios, vença Imperios, monstros dome,

gnis Da.

Exceda a Manoel, & os do seu nome,

nietis c.

SONETO II.

2.

A quella fé do Lusitano peito,

A os in

Que recusa alentada, a vista sancta,

fiis, Se

Do que em Cruz levantado, hum Rei levanta,

nhor

Rei, para feitos tais, por Christo feito:

aos infi

Vendo que sombras do tyranno aspeito

eis, &

De hum fado, lhe ecclipsavaõ gloria tanta,

não

Pedindo a Deos favor, chorando espanta,

ami. di

E do seu Reino, & Rei clama o direito:

se o nos

Tres Ioannes, que mais perto ao lastimoso

to tanto

Brado, te vem, fundando hum neto charo,

Rey pii

Fundemse todos tres em competencia:

meiro.

• E assim tereis(o quarto Ioaõ famoso)

De hum, Marcio esforço, doutro hum valorraro,

Paz de ouro do terceiro; alta prudencia.

SONETO III.

Exod c.

Do saber, & poder do Omnipotente

11.

He proprio dar remedio soberano,

Quando em fatal aperto, o braço humano

Sombra, ou via de bem nenhũa sente.

Livra o Hebreo do Rei mais insolente,
 Salva David cercado do Tyranno,
 E lá o Assyrio, quando mais ufano,
 E mais soberbo está, se acha sem gente.

Aos de Bethulia, quando desesperaõ
 Dà Samião feminino, em gesto raro,
 Levantá Machabeos na mor afronta:

Affim a Portugal quando mais eraõ
 Seus males, & dos bens menor a conta,
 Deo, dando proprio Rei, divino emparo.

SONETO IV.

Por de sobremão Rei, & de encomenda
 De Christo (o Rei) entraes com pè direito:
 Ser mão ganha no jogo, affim suspeito,
 Que por vos fazer mão, Iesu a estenda:

Rubrica a mão tal vez em grave lenda
 Coufas notaveis: tal o vossõ feito
 Rubrica a mão de Deos; ou deste geito
 Mão dada, Irmão em armas se encomenda:

Que muito os Reis da terrã, a prezem muito.
 Se Deos com vosco faz liga, & liança?

Deo braço, & Cruz: Eu desta lança faço:
 E digo entre tais glorias resolutõ,
 Que vos deo braço, para a vossa lança;
 Que vos deo lança, para o vossõ braço.

SONETO V. DE ECHOS.

Temos Rei, que qual pai tratemos? Temos.
 Dado por Deos, do Ceo mandado? Dado.
 Sceptro a Deos firme, & rematado? atado.
 Dar graças logo ao Ceo podemos? Demos.

E vemos nelle os Reis, que ouvemos? Vemos.

Será querido, ou desamado? Amado.

Fogoso em guerra, ou retirado? Irado.

Lemos nos deste, ou não fallemos? Lemos.

Nossa, o Felis, com Rei consorte, sorte,

Ia não ha, não, quem com algema, gema,

1 Regum
 cap. 23
 in modũ
 corone
 cingebant
 eum.

4 Regum
 cap. 19.

Muitas
 varias,
 & verda
 deiras
 Prophe
 cias.

Se ha

Se ha para os bens, que não avia, via
 Pois temos Rei, que nos conforte, forte,
 Quem nos dava oppressão extrema, trema
 Quem dos bens nossos se gloria, ria.

SONETO 6. composto de Versos dos
 Lusíadas de Luis de Camoës.

Maravilha fatal, da nossa idade,
 De Deos guiada so, & de sancta estrellla,
 Não saibão mais, que olhar as causas della,
 Os olhos da Real benignidade:

Inclinai por hum pouco a Magestade,
 A miseranda gente de Castella,
 Sustentará contra elles Venus bella,
 A Lusitana antigoa liberdade.

A vos, o geração do Luso, digo
 Ora sus gente forte, que na guerra
 Porque configo esforço, aos fracos desse,
 Sem nuuens, sem receo de perigo,
 Ioanne forte sae da fresca terra,
 Ioanne a quem do peito o esforço cresce.

SONETO VII.

Quinas de sangue por Blason divino
 Recibe Alento, y entrandolas al pecho
 Si es fuego Amor, de fuego, quedo hecho
 Blason, que a sangre, y fuego, Amor previno:

A sus hijos da vida el peregrino
 Das vezes padre, paxaro de secho
 Mas de Amor, que del pico, en trance estrecho
 De nuestros Reyes symbolo bien digno.

No temas, quarto Iuan, pues tus divinas
 Quinas prometen delempeños ciertos,
 En esta a tus hijuelos noble hazaña.

No temas, no, gran Rey, porque tus quinas,
 por lo de sangre, animan hijos muertos,
 Ciegan por lo de fuego al Leon de Hespaña.

SONETO VIII.

Plinius
 & natu-
 rales de
 natura
 Leonis.

De occidua Phenis sacro nascimiento
 Tuvo este Reino, quando boz divina
 Entre alas, l'no, y rayos le destina
 Scepro en su sangre, y Crus, y mando esento:
 Vorás despues, del tienpo el movimiento
 Impia, y fatal le amenazó ruina,
 Tanto agotando al Luso, que declina
 De splendor Regio, a vn vil desluzimiento.

Peró come era Phenis nō podia
 Morir muriendo, que si muere, nasce
 Iuntos sepulchro, y Cuna, fin, y parto:
 Con aliento de Christo, y de Maria
 Phenis de Imperios Reyno, y Rey renasce
 De cenizas de Alfonso, Iuan el Quarto.

Decimas

Cantai Musas, pois sospeito
 Hum dos milagres do dia,
 Caber em verlo alegria,
 Que nos não cabe no peito:
 He Portugal todo estreito
 Ao proprio gosto, & vontade,
 Mas tal Amor, em verdade,
 E tal gosto, he qual diamante
 Grande no valor brilhante,
 Pequeno na quantidade.
 O bom Rei, sds os quilates
 Deste gosto offerrecemos,
 E com dar quanto podemos,
 São principios, não remates
 Com venturosos debates
 Competem força, & desejo,
 Mas este vencedor vejo,
 Que o Portugues quando amou
 Força, & uida lhe faltou,
 Primeiro, que Amor lobejo.
 Vos ualceis (meu Rei) amado

Allude
ao Rei
embalsa-
mado na
fé dos
Portu-
gueses
por tan-
tos ános

Antes por amado, Rei;
Logo, que vos tem por Rei
Amor do Luso apostado
Ara immortal dedicado,
Porque a fee tão conhecida
Portuguesa, a crer convida
Que será milagre seu,
Como a vida a hum morto deo
Dar a hum vivo, eterna vida.

O Reino illustre, levanta
As estrellas a cabeça,
Que hoje a renascer começa
Tua antigua gloria tanta,
Que a memoria della espanta;
Ia teu nome sublimado,
Será de novo cantado,
Que a pelar do fado esquivado
Se foste por amor vivo,
Es por fee resuscitado.

No Amor, que tinha o seu povo
Ao sancto Affonso primeiro,
Liurou ser Rei verdadeiro:
A esperar hoje me movo
(E com a fé quasi o provo)
Que com mais divino alentô,
Mais garbo, & mor luzimento,
O Reino ha de florecer,
Se o resurgir, ha de ser,
Mais bello, que o nascimento.

Reino, que tem por Brasaõ,
O Brasaõ, que nos liurou,
Eo cativoiro acabou
Fatal dos filhos de Adam,
Era grande sem razaõ
Liberdade sancta, & bella,
Dada pello Ceo, perdela;

E era delconcerto bravo,
O passar praça de escravo;
Que foi vendido a Castella.

Filhos de Cadmo entregamos
Por defunidos irmaõs
O Reino, em alheas maõs.
Mas hoje resuscitamos,
Mui bons irmaõs, porque estamos
Sem discordia, para a guerra,
E pór nascidos da terra
Regada do sangue nosso
Somos tantos, que creer posso,
Que quem nos quer contar, erra.

Se de dentes procedemos,
Será symbolo bem claro,
Que com peito, & valor raro,
A bocados comeremos
Quanto por contrarios temos.
Afastados pretendentes,
Convir vos dizem as gentes
Bem de longe apparecerdes,
Porque ay de vos, se quizerdes
Brigar a vñhas, & a dentes.

O cobiça numqua farta
De Reinar, paraque emprendes
Mais Imperios? pois entendes
Que o mesmo Christo te aparta
De nos, pois porque se parta
Contenda, que não he boa,
Christo Ielu, em Lisboa
Despregando a mão, nos deo
Mostras, deque a mão ipeteo
Em liurar esta Coroa.

Não falla à mão, antes dando
A mão aos que vio caídos,
Os vivos por el devidos

Adiscor-
dia dos
Fidalgo
s Portu-
gueses
entrega-
rão este
Reino à
Castella.

Allude a
os tribu-
to, & ve
naçoens
que pa-
decia o
Reino,

Afasta-
dos naja
stiza da
preçsaõ

E Qual mestre ás vozes formando
 Compasso, foi animando;
 Ou porque o Cravo impedia
 A rotura, que fazia,
 Deixa o Cravo, & diz que tem,
 Maõs rotas hoje tambem
 Para nós como algum dia.

O Hespanhol, quem te engana?
 Vé, que por grande cahio,
 Quando mais alta se vio,
 A Monarchia Romana:
 A maõ de Deos soberana
 Tirandote a Portugal,
 Teu bem te inspira, & não mal
 Pois he melhor (& eu ò juro)
 Lograr hum Reino seguro,
 Que muitos com risco tal.

Huma he so a Sancta Igreja
 Que o Soldado não ralçou
 A veste, que sorteou,
 Paraque nisto se veja,
 Que quem conservar deseja
 Imperio, importalhe ter
 Menos Reinos, que reger:
 Grande bem, grande descanso,
 Que huma ambicão (quanto alcanço)
 Nunca soube conhecer.

Ioann. 19

Este estar à paá se chama
 Estar hum homem cò a mão
 Sobre a outra, quando não
 Lhe dà que fazer a fama,
 Antes o descanso o ama
 Castelhana, que será,
 Iusto entendendo, tomeis já,
 O descanso. que vos daõ,
 Pois creio, que vos faraõ,
 Castelhana estar á paá

Romance

Campos, que vistes hazanas
Del Pastor, que pudo en campo
Trocar el Romano Imperio,
En vituperio Romano.

Del, que Aguilas vencedoras
Como ovejas al cayado,
Hizo obedecer, por ser,
En su Lufa mano vn rayo.

Prestad nueva admiracion
(Si cabe en alguna tanto)
A los futuros triumphos,
Del nuevo Rei Lusitano.

No le estrañeis por pastor
De nascimiento mas alto,
Miralde en amor, y fuerças,
Que le aveis de hallar Viriato.

Fatal os ha sido siempre
Campos, el serdes theatro,
Donde tragicos successos,
Represente el tiempo vario.

Donde Lusos coraçones
Sacudan jugos Tyrannos,
Nembroth, Balthasar, Nabucho,
Tiemblen del Cielo a la mano.

Donde la razon modesta
Triumphe sobervios tratos,
Y la justicia deshaga,
Desafueros temerarios.

Donde en mar de roxa sangre
De Christo, Juan coronado
Mire (otro Alfonso) anegarse
Pharaon, y sus cavallos.

Donde, a no exceder, igualem
Sus presentes Lusos bravos,

Los antiguos Albuquerque
Pachecos, Almeidas, Castros.

El tener tan justa causa,
Glorias quita a nuestros braços,
Que no es mucho, en Portuguese-
Si ay razon, ser alentados. (ses

Armas dobles nos dá el Cielo
Contra el misero adversario,
Pues bastando nuestros pechos,
Nos sobran pechos, y agravios.

Sal pues en campaña (o Rei)
Y harás, nombrandote el quarto;
Al Leon de Hespaña, no de ira,
De miedo, si, quartanario.

En lança, y fortuna admiro
En ti de Cesar los passos,
Quicá no te falta pluma,
Para hazer tus commentarios.

Y quando a mi me la dexes,
El menor de tus vassallos,
Con ella haré que te embidien,
Mil Augustos, y Alexandros.

El gran Pontifice Christo
Crus ensena a tus soldados,
Que fue darles la Cruzaja,
A fin de mas animarlos.

O el desclavar se ha sido
Juramento soberano
En su propria Crus, de a ella
Aviacular nuestro amparo.

A ellos pues, y estandarte
La divina escarpia hagamos,
Porque al verla de nosotros
Se santigue el Castellano.

Romance

Rei Messias Lusitano

Para cativos resgate,

Em votos, & em prophcias,

A Christo tão semelhante.

Rei de humanas esperanças

Felicissimo remate,

E de palauras divinas,

E seu peso, justo Athlantê.

Rei, que sois Ioaõ, & Quarto

Na Esphera, para assentar-se,

Que aveis de ser como hum Sol,

Comparado a tres Ioannes.

Rei Sol, porque só tal Rei •

Desfes, deixando acclamar-se,

Nuens de infamias, & afrontas

A raios de br-o, & sangue.

Rei Sol, porque só tal Rei

Monarcha ha de intitular-se,

De quanto esse Sol rodea

Ou vé quando morre, ou nasce.

Pelicano raro, & novo

Pois se este aos filhos se parte

Vos sò có o sangue dos filhos,

A vida de Rei cobrastes.

Pois vos daõ o Reino vosso

As feridas penetrantes,

Coin que sentir se faziaõ

Garras de hum Leão rapante.

Oui hũa alma apostada

A fazer por vos milagres,

Se parir prodigios podem

Amor, & fidelidade.

Oui hum vassallo humilde,

Que temendo esse brilhante

Garbo Augusto, em voz de canto,

Esforça a propria humildade.
 Ouvi se quer por cantados
 Bons conselhos, & verdades
 Porque quando estas offendaõ,
 Lifougee o canto em parte.

Se bem para vos, de canto,
 Naõ necessita a verdade,
 Só por minha conta corra,
 Só por meu arrimo passe.

David com ser Rei cantava
 A sua Harpa liberdades,
 Ou já temperando estas,
 Ou ja illustrando a arte.

Eu não me atrevo pequeno,
 A dizervos cousas grandes:
 Valer me quero das Musas
 Vossas validas, & amantes.

Adverti, Rei, que de Deos
 Mando, Reino, Impérios nascem,
 Que elle disse, por mi Reinaõ,
 Os que vem a coroar-se,

Senhor de Senhores, Rei
 De Reis, quis que lhe chamassem,
 Porque assi como vos servem,
 Sirvais á summa Deidade.

Deveis copiar obsequios
 Para Deos, dos que vos fazem,
 E inda he pouco, pois sois homem,
 E Deos he summa bondade

Naõ uos esvaeça o serdes
 De Deos singular imagem
 Que seria injusto, & ingrato,
 Vosso original ne gardes.

Tambem da Sancta, & Romana
 Igreja, fazei as partes
 Que sò ella os Reis defende,

Pio me
 Reges re-
 gnant.
 Apoc. 19

Por pagarlhe a immuniidade.
 Contra a divina justiça,
 No fignado ha de emparar-se
 Hũ Rei, que de ser se preza,
 Dessa Igreja emparo grave,
 Se não fordes obediente

Matth. 7

A Pedro, pedra em quilates,
 Fareis, que o vſſo edificio,
 Sobre area se levante.

Math. 19

Do vſſo Reino a firmeſa
 Deveis procurar que mane
 Da Pedra, contra quem Chriſto
 Não quis, que infernos montasse m.

As grandesas de que vzando

• A Igreja acrescentardes,
 Seraõ as onzenas voſſas,
 E os lucr os mais importantes.

Mais que alſandegas rendosa

He tal liberalidade;
 Que o cento por hum dos Reis,
 He quando com Deos repartem.

Dardes com largueſa a Deos

Na paz; ſabei que he comprardes
 Licença para na guerra
 Bens da Igreja, irem diante.

Se Deos quer, que nos ſeus Templos

Grandes azararios ſe guardem,
 He porque dure o ſeu culto,
 Não, porque ouro ſe não gaſte

Para de aço nos cobriredes.

Regum

cap 21,
 Bẽ decla
 ra o exẽ
 plo q o
 Cõ elho
 corte ſõ
 em colo

• Despi da ſeda os altares;
 Que David dos paẽs ſacrados,
 Comeo na neceſſidade.

Das ſagradas Religioẽs,

Sede Mecenas conſtante,
 Porque por ellas o Mundo,

Livra Deos de horrendos males,
Quando não foffe por isso.

Tal exemplo em vos não falte

Que sempre he favorecelas.

Razão de Estado importante.

Melhores, os mais remissos,

São, que os justos seculares,

Gente, que de honra, & virtude

Faz vida, & forçado mate.

Contra á divina vingança

São escudos de Diamãte,

Gente apostada a morrer,

Porque tem da dor o estanque,

São Múneccos para Thebas,

Decios para grutas graves;

São lindeatos dos Samuites,

E Amoucos do vosso Ganges.

De todos fareis mais caso

Dos que vos proprio al cançardes,

Que tem com a fé divina,

Mais relação mais liames.

Por vos hão de dar a vida

Como a dão pollas piedades,

Que a quem Fê de Deos sobeja,

Numqua faltou lealdade.

Senhor vindo a o povo, digo

Que o trateis como Pai grande,

Que tal vez severo cura:

O que brando não persuade.

Não nego, que porque as cousas,

O esperado assento alcancem,

Ser prudencia, que do povo,

Idolatreis nos ditames.

Ma ormente, quando o povo

Vos tem amor tão notavel

Que sois ~~o~~ mais amado

Dé ne-
cessida-
de preci-
sa.

Plinio en Que vio num qua antigua idade.

Pan-gyri Deveis amalo tambem

ad Traia Se quer-is, que elles vos amem,

num Que este affecto sempre pede,

Non est Que com retorno se pague.

affectus Com tudo aveis de tratalo

tam et ec Como hum ginete, porque ande,

tas ac li- Se, bem mimoso, arrendado,

ber, & do Nem com manhas m s se da ne.

mnatio- Poucas das cousas de cata,

nus impa Costumaõ tanto estimarse

rens, re- Como hum ginete brioso,

que: qui Que regalado se chame..

m g; vi Com bocado, & freo de ouro

ces exi- Ande fogueito, & galante;

gat. Dourado, si, porem freo;

Bocado, si, mas que sangue.

Plutarc. Trazeio farto, & bem gordo

in uita A Correilhe a maõ, Alexandre

lexandro A Bucephalo, & tal vez

Bateilhe o duro açicate.

Christof. Fera sanguinaria o povo

populus Chamou hum dos Sanctos Padres,

cruentia Plataõ chamoulhe graõ Mestre,

bestia. Que divina authoridade!

Platão He graõ Mestre, porque ensina

populus O que sabe, & o que não sabe,

magister E ensina até com seus erros,

ma ri- Quem prudente os ouça, & cale.

nus, Hydra de sete cabeças

Naõ faltou quem lhe chamasse,

Alludiudo a pareceres,

Cem mil, de que faz descarte,

Sou de parecer, que facil,

& facilmente vos achem,

Paraque qvalquer do povo

Pobre, vos veja, & vos falle;
 Que mostraruos por viltraças,
 Não me digaõ, que vos quadre,
 Deixai a barbaros Perlas,
 Ou a Turquescos Turbantes.
 Rei, que por vidros se mostra
 Sem ser luz, quer occultarse,
 E eu sei, que a mão aleijada,
 Appeteçe mais o guante.
 De hum Rei dos do uoslo nome
 Ioão Terceiro, he bem que gabem,
 O passar por Lisboa,
 Quando queria alegrarse.
 E hum dia vindo contente
 Perguntado pello achique,
 Disse, em ver hoje o meu povo,
 Bem vestido, o gôsto cabe.
 Ministros vos aconselho,
 Que antes que officios infamem,
 Dos cargos os tireis fora,
 Bem que pareçais mudavel.
 Hum mau Ministro mudando
 Vai, & infamando os lugares
 Mais val, que os mudeis a elles,
 Que elles officios mudarem.
 Mais facil (meu Rei) será
 Mudar as guardas á chave;
 Que mudar a porta toda,
 Permittindo erros infames.
 Na materia de priverça
 E validos vossos, guarde
 Vossa alta prudencia estilo,
 Que numqua a mandada, amague.
 Disse bem hũ grão discreto,
 Que he de ouro a mediocridade,
 E se em tudo, a mediania

*Anreã
 mediocri
 tatem.*

Na privança, he bem, que espante.
Tende sempre por valido
(Se ser possi) vosso sangue,
Porque como sangue vosso,
Menos contra vos se arme.

Como por vosso das honras
Vossas, he participante,
Ama as glorias sem inveja,
Que outros sò invejar sabem.

Desse grão Marques, que mar ca
Pode ser, modelo, exame,
Toque de quantos validos,
Neste Mundo Reis lograssem.

Marques a quem o Ceo annos
Mais que Nestoreos dilate,
Sabei, que tem cabalmente,
De hum justo valido as artes.

Plutarch.

nulla est

virins, q;

magis in-

vidum a-

nimum cõ

primat,

quam ju-

sticia.

Amado he do povo todo
Polla justiça, que he parte,
Que mais que as outras virtudes,
Inveja alhea rebate.

Sea seu dono der o seu
Hum privado em paz, ou Marte,
Eudarei, que seja amado
Sem que reçeê invejar se.

Tomareis mil Babilonias,
Passareis seguro os mares,
Pois que tal Zopyro tendes,
Pois que lograis tal Achates.

Isto vos dis hum vassallo,
Que vos ama, adora, applaude,
E que com mais alto plectro,
Pode ser, que ante vos cante.

Romance, que cantou na noite do Natal, ao Menino
Jesus no Presépio. hũa Religiosa do insigne, &
Real Mosteir o de Lorna, Phenis das

Musicas deste Reino.

ROMANCE

Menino, que disfraçado
Escondeis telas de prata,
E vos cobris com palhinhas,
Mal vos encobre essa capa.

Por mas de ajuntar parece
Derão ja vista das galas.

Que quando hũ grão pai vos ve-
Vosso amor pisa, & não gasta. (ste

Ou por ventura as palhinhas
Como villãs de boa alma,
A mentir não se atreverão,
Em tão divinas mudanças.

Bê reconheço Menino.
Por entre as grosseiras faixas
Desta mi nha humanidade,
Do ser divino as estampas.

MeuDeos fois, não mo negue-
Nem choreis cõ ira, & graça, (is
De Menino, que alcançaraõ
Quando fugia de casa.

Eu farei com vosso pai
Hoje mais mal não vos faça,
Se bem he pai, que os açoutes
Não perdoa, se dilata.

Mas antes, que destes braços
Vos largue (se vos abraça
Hua alma, que com devoto
Affecto, vos acompanha)

Mil merces hei de pedirvos,
Que quem mais pede, mais ama
E primeira, he bem que seja
Hũ bem, que a todos alcança.

O nosso Rei D. João Quirto
Mas primeiro entre os da fama,
Por ser maior, que os seus nove,
Se ella nos seus nove falla.

Fazei, que seja no Mundo
Invisibilissimo Monarcha,
Porque uossa antigoa gloria?
Phenis com elle renaca.

No tempo do vosso Acanto
Recebe a Coroa herdada
Para mostrar, que então Reina
Quando a vòs sò se avassalla.

Vieio com vosco ostentando
Nas empresas semelhança,
Com que vindes hũ; & outro,
Resgatar almas humanas.

Vos da prisão de Lusbel,
Mas elle da Castelhana,
Tyrania livra os corpos,
Vos livrais corpos, & almas.

Dous Salvadores teremos,
(Perdoai minhu ignorancia,)
Que de Salvador o nome
Vosso he per antonomasia.

Porem tambem Iosué,
Com tal nome se affinala;
E o nosso grão Rei agora,
Luso Insué se chama.

A seus pés vejo prostados
Esses Gigantes de Hespanha,
Que em soberbas, são Gigantes,
E na semrazão crianças.

Dailhe, meuDeos, meu menino
O dailhe victorias tantas.
Quantas vejo no Presépio
Luzes, lagrimas, & palhas.
Que do poder do Mundo não se
elpanta,

Hũ Rei, que o Rei dos Reis, rão
fiel ama.

SONETO

*á N. S. da Piedade feito na sua
Hermida da Ribeira de
Taboas.*

Virgem pia, que em compassivos braços,
O Filho morto tendo, mais piedoso
Affecto aos outros filhos no amoroso,
Nome ostentais, & a seus miseros passos:
Nosso Rei, vosso Filho, que com laços
De Amor, & fé vos faz obsequio honroso,
Fazei, que Portugues Samsão famoso,
Faça o Leão soberbo em mil pedaços.
E se as mãos maternais, no trance esquivo
Importar, que aparteis (para bem nosso)
Do filho natural penhor mais charo,
Deixai o natural, pollo adoptivo,
Que o natural por isso quis ser vosso,
Para que nosso fosse o vosso emparo.

SONETO

á morte del Rei de França Luis XI.

Segunda vez dos braços de Bellona
Rouba, ou de inveja, ou d'ambição movida
Parca ajudada, a flor de Lis temida,
Quando assombrando Hespanha, o Luso abona.
A quantos cinge Reis celesste Zona
Busto Frances, & Augusto empraza a yda
Pelle Bohema em morto tal duuida
Castella, ou teme em Cid, o que Blazona.

31

Se o matar (Luis invicto) á Morte hum Marte
Gloria he fatal, na tua ie sospeita,
Que Deos dous fins ostenta (ó caso raro)
Hũ Rei paga, ovtro anima, com leuarte,
Mostrando França á teu valor estreita
E redundante a Ioaõ, teu justo emparo.

SONETO

*à hũ Quadro da adoração dos Sanctos
Reis Magos, que el Rei N. S. mã-
dou fazer à Ioseph do
Avellar.*

Soberano pinzel, tu te condenas
A não pintar jamais, pois que chegaste
Rei dos pinzeis, nos Reis, que nos mostraste
Onde chega o juizo humano apenas.
Das linhas de Protogenes ordena
Grossos cordeis, nas linhas que lançaste,
E em garrote de invejas lhe trocaste,
O sutil, em borroões, à gloria, em penas.
Tudo contemplo Trino em teus primores;
Painel de tres, Pintor, Rei, verdadeiro
Monarcha, em te occupa r, contigo humano.
Elle imita tres Reis, tu tres pintores,
Elle Affonso, Manoel, & Ioaõ primeiro,
Tu Miguel, Raphael, & Ticiano.

SONETO

*A morte da Marquesa de
Villareal, que falle-
ceo no Conuento
de Cellas de
Coimbra.*

Amor, & odio juntos (ó Iuliana)
Sendo Deidade humana vos mataraõ,
Por Deidade, odio ás culpas, que ò causaraõ,
Amor, ao esposo, & filho por humana.
Esta no affecto divisaõ tyranna
Maõs da Parca apressou (que o duvidaraõ)
Applaudem olhos golpes, que choraraõ,
Sangue cnlea, justiça defengana.
Do valor feminino vos admiro
Feita em pyra immortal, raro holocausto,
Calle o seu Mausoleo casta Rainha:
Dissestes despedin Jo alma, & suspiro,
Rei justo, esposo errado, filho infausto,
A todos sacrificio a vida minha.

L A V S D E O .

Taixão estas Poezias em 30. reis Lisboa 28. de Fevereiro
de 1645.

Coelho

Ribeiro